


*Valdemar Figueredo*

*Espiritualidade  
em preces prosaicas*





A decorative flourish consisting of several elegant, swirling lines that curve upwards and to the right, ending in a small hook. The lines are solid grey, with a dotted grey line following the main curve on the left side.

*Para minhas irmãs e irmão,*

*Vera, Wania, Valquíria, Rose, Margarete e Romenilson*



# Sumário



Prefácio.....	7
Introdução .....	11
Destruirás gente boa com o ímpio? .....	13
Estou ao pé da fonte.....	17
Perdoa-lhes ou, se não, risca o meu nome.....	21
Mostra a tua glória.....	25
Dá-me força só esta vez.....	29
Sou mulher amargurada de espírito.....	33
Pode entrar que a casa é como se fosse sua.....	37
Abra os olhos desse moço .....	41
E chorou muitíssimo.....	45
Alarga as minhas fronteiras .....	49
Graças te damos .....	53
Os nossos olhos estão postos em ti .....	57
Estou confuso e envergonhado.....	61
Chorei e lamentei por alguns dias .....	67
Falei do que não entendia .....	71

Concede-me um espírito excelente .....	75
Tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver .....	79
Até quando, Senhor? .....	83
Pai nosso.....	89
Só os pequeninos percebem .....	95
A minha alma está triste, profundamente .....	101
Por que o abandono? .....	105
Perdoa a falta de jeito .....	109
Graças te dou porque não sou como os demais.....	113
Contudo, perdoa-lhes! .....	117
Pai, agora chega! .....	121
Mistério na mata.....	125
Vem para fora! .....	129
É chegada a hora .....	133
Vejo os céus abertos .....	137
Um anjo de Deus se aproximou enquanto ele orava....	143
Sobreveio-lhe um êxtase .....	147
Oro constantemente por vocês.....	151
Paz e Comunhão .....	155
Ajuda-me na minha falta de fé! .....	159
Minha alma engrandece ao Senhor .....	163
Senhor, socorre-me!.....	167
Conclusão .....	171
Bibliografia.....	173

# *Prefácio*



## *Preces Prosaicas: entre trevas e luz*

*Maria Clara Lucchetti Bingemer*

Ler as preces prosaicas de Valdemar Figueiredo Filho é muito mais do que uma experiência literária. É entrar em um movimento espiritual que faz continuamente perigosa e fascinante travessia entre as trevas e a luz. Ainda que em prosa, suas preces são poéticas. Pois nascem do coração de um homem de fé cuja sensibilidade espiritual acontece à flor da pele em cada minuto de vida.

Há nas páginas deste livro um medo adulto. Medo, sim, consciente, de alguém que já passou pela vida o suficiente para saber que a dor existe e que quando chega não escolhe quem atinge nem poupa o justo. E por isso o medo é treva. Valdemar “ora no escuro” como dirá em sua última prece, antes da conclusão. Mas a fé tem o poder de atravessar o medo. E por isso o mesmo Valdemar se aproxima da fonte e ora. Pois “orar é refazer caminhos, crendo que é possível encontrar o que se havia perdido.” E clama: “Eis que estou ao pé da fonte de água, ajuda-me!”

Batendo contra o obstáculo pontiagudo de sua falta de fé e ferindo-se neste embate, o coração do orante geme. Desgasta-se no trabalho estafante no qual vê pouco ou nenhum sentido. Olha o povo do qual, como pastor, é responsável. E se sente perdido, ele que “já foi um visionário”. Mas dentro de si sente-se grávido de algo que está por acontecer. É nestes momentos que se torna poeta, ainda que não escreva versos no sentido estrito da palavra. Pois a poesia é sintoma de gravidez chegada a termo e de parto sofrido e longo, trabalhoso. Talvez nunca a expressão “trabalho de parto” seja tão apropriada como quando se trata de dar nascimento a uma obra de arte ou uma produção intelectual ou mais ainda uma experiência espiritual criadora. Tanto quanto a dilatação e a contração que precede o nascimento de um ser humano, que os animais encaram com tranquilidade e os índios vivem com naturalidade soberba de beleza. Mas nós, humanos letrados, sentimos como dor aguda que depois, esquecida, pode repetir-se uma e mil vezes que será sempre augúrio de felicidade pela alegria de dar novo filho ao povo.

Essa dor gravídica que se sente ao longo de todas as páginas deste livro tem diversos nomes. Às vezes é interior, existencial, parente da frustração de um cotidiano vazio. Outras vezes é ligada diretamente à saúde do corpo, como doença ameaçando a vida e o futuro. O Autor dialoga aí com C.S.Lewis, o escritor inglês que teve que passar pela morte da mãe, do pai e depois da mulher amadíssima para desconstruir a imagem de Deus que tinha e abrir espaço para que o próprio Senhor erigisse outra em seu lugar. A travessia para a luz passa de novo e sempre pela oração mais despojada e nua, sem saber o que pedir nem orar como convém, mas consentindo que o Espírito mesmo ore dentro de Si com gemidos inefáveis.

Nestes momentos de perplexidade e embate, os textos se tornam emparentados com os salmos que enchem as páginas da Bíblia judaica, sobretudo no gênero literário hínico e orante dos salmos. São clamores, perguntas sem resposta, medos, intuições angustiantes.



São também indignação ética diante da injustiça e da pobreza, paz inquietada experimentada por profetas e místicos como Pedro Casaldáliga e outros. E ele pergunta e interpela Deus: “Até quando, Senhor?”, cansado de não ser escutado, de ver a injustiça prevalecer, de sentir-se deslocado em um mundo superficial, de ter que engolir o choro, de sentir-se sozinho. “Até quando, Senhor?”

Ao mesmo tempo se maravilha cheio do espírito de Jesus de Nazaré porque as boas notícias são percebidas pelos pequeninos e não pelos sábios e doutores deste mundo. “Os pequeninos são fascinantes” exclama este cristão diante da visão das criaturas de Deus que andam peregrinos, despojados, na simplicidade do amor e da dedicação à missão. São eles os benditos. E o Autor sente que aquilo que esperava se concretiza e que uma grande provação é posta em sua vida: a saúde de seu filho, dor insuportável pela qual dá tudo sem medo e sem regateio. É o único que deseja.

E desde a primeira, “Destruirás gente boa com o ímpio”? já o Autor interpela a Deus com desassombro e lágrimas refreadas: “fica difícil suportar a dor dos outros”. Os outros são os outros, todos eles, - ao pobres, os infelizes - mas sobretudo o filho primogênito, o filho da promessa, o filho amado, por quem o pai quer lutar até a última gota de sangue e o último sopro de vida e que não pretende entregar com facilidade. Nem mesmo a Deus.

O pai com o coração em tiras sabe que sua fé é pouca, que deveria ser muito maior. Ou pelo menos gostaria que fosse muito maior. E por isso apela a figuras prototípicas, como Abraão, o pai da fé para judeus e gentios. Ou para Mario Quintana, poeta gaúcho, que afirma que “a verdadeira oração é rezar sem fé. Nem há nada que mais comova o Senhor dos crentes”. Por isso ele continua a oração. No escuro, como sempre ou quase sempre. É na treva que as certezas se desfazem e o corpo grita e o espírito glorifica sem enxergar bem o que nem por que.



A solidão chega e com ela o sentimento de estar abandonado. Soma-se a isso o descontentamento com o trabalho que realiza, que o leva para longe de casa e da família uma boa parte da semana. O desejo intenso de voltar, a nostalgia da casa e da família se agudiza na medida em que avança a enfermidade do filho. Ele não sabia que seria justamente este filho, o filho da promessa e da primogenitura, o filho por quem vertera tantas lágrimas que efetuará sua libertação. É esta a dor definitiva, a dor sem remédio, a dor que dói ao ritmo do viver, a dor de um pai atingido em seu centro pela insuportável dor da doença de um filho.

Diante da ciência arrogante e impotente, incapaz de fazer o que quer que fosse pelo fruto de sua carne e de seu sangue, ele se sente investido de uma paternidade que passa além do biológico. O menino não precisava de um médico, mas sim de um pai. O pai que estava longe pelo trabalho devia voltar e ficar perto, presente, alerta e vigilante. Naquele momento, o sacrifício foi o da estabilidade profissional em troca da presença junto ao filho. E a paternidade abraâmica, e, mais ainda, a paternidade divina, também vulnerada no seu ponto mais central pelo sofrimento e morte do Filho Unigênito o investe e reveste. E os leitores participam extasiados deste cântico de louvor semelhante ao Magnificat daquela que é bem aventurada porque acreditou e porque o pai que sofre a ferida na sua paternidade encontra o caminho dos braços do Pai de toda paternidade que o acolhe em seu amor. E o anima a continuar pedindo apenas uma migalha que cai da mesa dos ricos, como aquela que Jesus concedeu à mulher Cananéia: a cura da filha, do filho.

Todos esses sinais da presença de Deus no prosaico e cotidiano de uma vida de fé atravessam de fio a pavio as preces de Valdemar. Que suas preces prosaicas possam fecundar corações, semear sementes, humanizar quem anda perdido na pura racionalidade ou na desumanidade. Apresentando o seu caminho para encontrar a cúmplice resposta de Deus, “com leve aceno e prosaico piscar de olhos” ele nos diz que por maior que seja nossa dor, podemos também encontrar o caminho que será nosso, único e original.

# Introdução



A oração não deveria ser esquemática a ponto de transformar-se em peça de antiquário: exposta para ser vista. Linguagem refinada, como se Deus não resistisse a uma boa lábia. Fugamos dos métodos impessoais de tagarelas que pressupõem que Deus é um idiota emotivo.

Descubro na Bíblia orações pulsantes de gente contraditória como eu. Fica mais fácil orar lendo a Bíblia do que ouvindo os especialistas. Sem embargo, expostos, falas que revelam imprecisões, contradições, ignorância, ambiguidades... O mais embaraçoso não é constatar as nossas emoções fora das pautas, mas perceber que Deus se entenece e participa atento dessas conversas truncadas.

Neste livro, repercuto o texto bíblico sem qualquer pretensão de dizer o que significa ou o que preceitua. O exercício a que me proponho tem mais a ver com o sentir do que com o entender. A propósito, não compreendo a oração. Como explicar que a pessoa finita fala do seu lugar com o Deus inefável?

Quando eu era criança, aprendi que orar é o que se diz a Deus. Mas hoje, grisalho, tenho certeza de que orar é o que se sente com Deus. A verdadeira oração é indizível. Abrimos a boca para falar senão explodimos, adoecemos, enlouquecemos... É isso, a melhor forma

de representar a oração não são as vírgulas, pontos finais, sinais de exclamação ou de interrogação, mas são as reticências...

Ah, que inveja dos desenhistas, que com seus traços chamam por Deus! Artistas sem papas na língua, sem esquadros, sem régua, sem definições cabais. Livres, sabem que seus quadros são parcas noções de algo que se sente, mas, porque indizível, evitam a palavra Deus. O que Dele ouvimos, não conseguimos falar para outros. Oração é deslumbramento que se traduz na simplicidade. Oração é espanto face às condições humanas e às realidades divinas.

Confundo, neste livro, orações bíblicas com canto popular, orações de gente próxima com suspiro de poetas, minhas orações com os meus sentimentos. São fragmentos de texturas e colorações diversas. A beleza nem sempre está à procura da amálgama da coerência.

A ideia de aprontar-se para orar é compreensível. Esforços para agradecer o *Excelsior* Deus que vive escondido atrás das nuvens. Quando bem-feitas as preces, supomos, Deus desce e fica mais perto, atrás dos montes. Bastariam então a insistência e os encantamentos apropriados para trazê-lo excepcionalmente para os templos e catedrais.

Relendo as orações bíblicas e lembrando das experiências dos amigos, concluo: Deus ama a espontaneidade e suporta o cerimonialismo. Falar com Deus pela mediação de Jesus Cristo é muito melhor do que aventurar-se em definições precisas de oração.